



# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

## **Economia Solidária no Contexto do Cooperativismo e da Sustentabilidade: Em Busca de um Conceito a partir da Experiência do Banco Solidário Palmas**

### **Área Temática: Teoria e prática da economia solidária**

**Edilvan M. Luna<sup>1</sup>, Adelia A. Brasil<sup>2</sup>; Laryssa C. Lucas<sup>3</sup>; Francisca L. M. Souza<sup>4</sup>;**

*1Universidade regional do Cariri – Urca, Campus Pimenta, Crato-Ce – edilvanmoraes@hotmail.com*

*2Universidade regional do Cariri – Urca, Campus Pimenta, Crato-Ce – adelia.brasil@yahoo.com.br*

*3Universidade regional do Cariri – Urca, Campus Pimenta, Crato-Ce – lary.carvalho-crato@hotmail.com*

*4Professora da Universidade regional do Cariri – Urca, Campus Pimenta, Crato-Ce –  
laudecimartins@yahoo.com*

### **Resumo**

Longe de se pretender esgotar a discussão acerca do conceito de economia solidária, este artigo pretende demonstrar duas abordagens teóricas para a discussão. Devido a seu aspecto interdisciplinar, o que conduz a diferentes visões para o mesmo assunto, será adotado apenas duas abordagens para o tema, sendo a primeira dentro da perspectiva cooperativista e a segunda pela abordagem de sustentabilidade a partir da visão do economista polonês Ignacy Sachs. A análise será desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica, levantando-se os pontos que corroboram o conceito de economia solidária, contribuindo desta forma para uma melhor compreensão do seu significado, que vêm, nos últimos anos, ganhando participação no meio acadêmico e midiático, se revelando uma alternativa para os obstáculos que se apresentam a economia tradicional, como, por exemplo, os desafios socioambientais. Para a abordagem da sustentabilidade, será analisado, como exemplo, o Banco Palmas, banco solidário e comunitário, localizado em Fortaleza-Ce, que possui uma lógica diferente dos bancos tradicionais e que contribuem com a noção de uma economia solidária sustentável em diferentes aspectos, como cultural, econômico e ecológico.

*Palavras-chave: Cooperativismo; Economia Solidária; Ignacy Sachs; Sustentabilidade; Banco Palmas*

### **1 Introdução**

O termo economia solidária vem conquistando cada vez mais espaço nos *campus* universitário, na mídia, nas políticas públicas, nos congressos e, principalmente, na ciência econômica. São participações, que embora pequenas comparadas com outras temáticas, vêm ganhando espaço de reflexão e conscientização em diferentes campos de atuação. Diante de tanta popularidade, contudo, ainda se permanece uma lacuna no conceito de economia solidária. Uma lacuna que consiste mais na pluralidade de discussões sobre o tema do que pela falta de estudos na área.

Pela vertente marxista, pode ser interpretada como uma solução concreta para a substituição do capitalismo e a passagem efetiva para o socialismo. Pode ser interpretada também como alternativa para o capitalismo, mas não uma alternativa de substituição e sim de aperfeiçoamento. Um aperfeiçoamento que direciona críticas aos aspectos de mercantilização



# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

da vida humana, dando a economia tradicional um caráter mais humano. Também pode ser inserida dentro do contexto ambiental, como um modelo de organização econômica mais responsável ecologicamente.

Em meio de diversas perspectivas, contudo, há algo em comum em todas as abordagens. O uso do termo economia solidária já pressupõe que a economia tradicional não é solidária. Solidária no sentido de uma prática econômica fomentadora da coesão social, capaz de criar uma ética de respeito pela vida humana, colocando o homem no centro das decisões econômicas ao invés do capital.

Ao longo da história do homem, o aspecto econômico alcançou uma participação determinante nas tomadas de decisões pessoais e coletivas. Avaliar o homem pelos aspectos econômicos se revelará durante séculos uma avaliação precisa do comportamento humano, seja social ou psicologicamente. Stuart Mill, por exemplo, observou a dificuldade de se estudar o homem na sua totalidade, sendo justificável o peso sobre fatores mais determinantes, como a procura por riquezas e, por isso, escreve que o ser humano deveria ser analisado apenas pelo lado econômico, este mais determinante na vida de cada um. Segundo o autor:

[economia política] não trata de toda a natureza do homem como modificada pelo Estado social, nem da conduta de todo o homem em sociedade. Preocupa-se com ele apenas enquanto ser que deseja possuir riqueza, e que é capaz de avaliar a eficácia comparativa dos meios para obter aquele fim. Prediz unicamente aqueles fenômenos do estado social que ocorrem em consequência da busca de riqueza. Faz total abstração de toda outra paixão ou motivo humano, exceto aqueles que podem ser tidos princípios perpetuamente antagonistas ao desejo de riqueza, notadamente a aversão ao trabalho e o desejo de satisfação presente de indulgências dispendiosas. (MILL, 1844 *apud* RODRIGUEZ-SICKERT, 2009, p. 223)<sup>1</sup>

O *homo economicus* se revelará uma figura aproximada do homem do cotidiano, sendo um ser maximizador de utilidade e minimizador da dor. Seu individualismo o conduziria ao bem comum, como evidencia o egoísmo moral de Adam Smith, que declara que:

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos obter nosso jantar, e sim da atenção que cada qual dá ao próprio interesse. Apelas não à sua humanidade, mas ao seu amor-próprio, e nunca lhe falamos das nossas necessidades, e sim de seus interesses. (SMITH, 1776 *apud* SEN, 1999, p. 39)

Esta reflexão de Adam Smith não demonstra a opinião de um filósofo que procurou no interior do homem, no seu psicológico as bases para uma moral. A questão maior é que a defesa deste amor-próprio que conduz ao bem coletivo encontrou acolhida em uma classe ávida por mudanças estruturais na sociedade. Uma classe burguesa, interessada em romper com o determinismo social pertencente à ideologia medieval. Como a as reformas protestantes de Calvino e Lutero já salientavam, seria do esforço individual que cada um adquiriria a graça de deus, ou seja, justificaria o sucesso pessoal adquirido por meio do trabalho.

---

<sup>1</sup> [political economy] does not treat of the whole of man's nature as modified by the social state, nor of the whole conduct of man in society. It is concerned with him solely as a being who desires to possess wealth, and who is capable of judging of the comparative efficacy of means for obtaining that end. It predicts only such of the phenomena of the social state as take place in consequence of the pursuit of wealth. It makes entire abstraction of every other human passion or motive; except those which may be regarded as perpetually antagonizing principles to the desire of wealth, namely, aversion to labour, and desire of the present enjoyment of costly indulgences. (MILL 1844 *apud* RODRIGUEZ-SICKERT, 2009, p. 223). Tradução nossa.



# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

A partir da busca de cada um pelo próprio bem-estar, se estaria conduzindo a sociedade para um bem-estar coletivo. Seguida da concepção mecanicista da ciência de Descartes e Newton, o equilíbrio era inegável dos assuntos humanos e, portanto, apenas uma questão de tempo a ser alcançado. A mão invisível, referida por Smith, não é de fato invisível, como pode sugerir uma leitura desatenta, mas verificável dentro de cada pessoa, que entendida sobre a luz de sua filosofia moral, se torna o ápice do individualismo e do egoísmo moral.

Esta visão de Smith é simplificadora das relações sociais. Para se alcançar este equilíbrio natural de mercado smithiano, alguns critérios devem ser atendidos como mobilidade de informações e ausência de externalidades negativas e conflitos de interesses. Smith desconsidera os conflitos de classes, o que faz da mão invisível uma mão tendenciosa ao mesmo tempo. Os pressupostos fundadores da tradicional ciência econômica desenvolvida em David Ricardo e Adam Smith recebem severas críticas de Karl Marx, já apontando alguns equívocos da ciência econômica, mas que mesmo assim permanecerão até hoje. Morrison (2006, p. 77) aponta que:

Marx criticou Smith e Ricardo, em pelo menos quatro frentes distintas: primeiro, ele não concordava com sua afirmação de que a sociedade capitalista era governada por leis fixas econômicas que eram universais para todas as sociedades. Segundo, ele criticou a tendência a conceber o bem comum da sociedade como consistindo da busca privada de ganho de economia, enquanto ao mesmo tempo ser totalmente indiferente às desigualdades econômicas e considerações de classe inerentes aos atos de troca. Terceiro, ele rejeitou a observação de Smith e Ricardo de que "valor" era uma substância inerente as mercadorias; e quarto, ele criticou os economistas políticos com os seus métodos teóricos e sua utilização de categorias abstratas, que tendem a ver a atividade econômica como existentes acima dos atos práticos dos indivíduos.<sup>2</sup>

Em síntese, o que se tem hoje, em geral, é a disseminação de uma ciência econômica que põe o capital no centro das ações humanas; que estabeleceu um fetichismo sobre as mercadorias e uma coisificação da vida humana; que reduziu o mercado a trocas materiais; e que estabeleceu apenas uma forma de contrato social como sendo válido (o contrato social registrado em cartório, como trata o direito civil, e não o contrato social baseado no compromisso para com o bem coletivo<sup>3</sup>)

---

<sup>2</sup> Marx criticized Smith and Ricardo on at least four distinct fronts: first, He disagreed with their assertion that capitalist society was governed by fixed economic laws which were universal for all societies. Second, he criticized their tendency to conceive of the common good of society as consisting of the private pursuit of economy gain, while at the same time being totally indifferent to the economic inequalities and class considerations inherent in the acts of exchange. Third, he rejected the claim by Smith and Ricardo that “value” was a substance inherent in commodities; and fourth, he criticized the political economists for their theoretical methods and their use of abstract categories, which tended to view economic activity as existing above the practical acts of individuals. (Morrison, 2006, p. 77). Tradução nossa.

<sup>3</sup> Para melhor compreensão sobre o contrato do bem estar coletivo ler: ROUSSEAU, Jean-Jacques. O Contrato Social. São Paulo, Formar, 1980; HOBBS, Thomas. Leviatã ou matéria, Forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores); LOCKE, John. Segundo Tratado Sobre o Governo Civil. São Paulo: Nova Cultural, 1978. (Coleção Pensadores).



**9º ENEDS**

**ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

A evolução da ciência econômica nos moldes acima representa o fracasso do projeto iluminista, como salientam Theodor Adorno e Max Horkheimer. Para estes autores, a ciência em geral, que viria para libertar o homem do dogma religioso medieval, termina por si tornar um dogma também, um mito que coloca o homem diante da imobilidade das “leis” da ciência (HORKHEIMER & ADORNO, 1997). Para a economia, a ciência econômica se tornará um economicismo, um reducionismo extremado que associará o homem racional diretamente ao homem econômico, que pondo um preço em tudo que estiver sobre o alcance do ser humano, até o próprio homem, reflete o fracasso de uma propaganda que possuía como lema a liberdade, a igualdade e a fraternidade, mas que no final contribuiu para acentuar o fosso entre ricos e pobres, além de introduzir um novo problema, como o da escassez dos recursos naturais.

Antes de avançarmos nas discussões, é importante lembrar que a economia solidária não deixa de ser economia, pois consiste no

estudo de como os homens e a sociedade decidem, com ou sem a utilização do dinheiro, empregar recursos produtivos escassos, que poderiam ter aplicações alternativas, para produzir diversas mercadorias, ao longo do tempo e distribuí-las para o consumo, agora e no futuro, entre diversas pessoas e grupos da sociedade. (SAMUELSON, 1975, p.3)

O que diferenciara a economia solidária da economia tradicional é a forma com que compreenderá os objetos econômicos, tais como capital, trabalho, recursos naturais, contratos sociais, mercado, etc., surgindo assim da crítica aos pressupostos tradicionais da economia, observados acima. A economia solidária significará uma economia baseada no homem, não mais no objeto e que possui no seu projeto a constituição de um pensamento complexo, tendo a coesão social como estratégia para a inclusão e o desenvolvimento. Uma economia que é meio ambiente, cultura, psicologia, literatura, sociologia, fé, religião, filosofia, etc.

Este artigo procurará delinear uma definição, a partir de algumas correntes teóricas, para a economia solidária, contribuindo para sua consolidação, identificação e implantação. Em nenhum momento se pretende reduzir a abordagem sobre tal conceito, mas sim divulgar a economia solidária em diferentes contextos. Para que não se incorra no risco de se taxar qualquer ação de economia solidária, é necessário evidenciar as bases filosóficas e epistemológicas que legitimam a economia solidária para se observar como este conceito se manifesta na prática.

De antemão evidenciamos a preocupação em se rotular qualquer ação cooperativa como economia solidária. A falta de uma discussão mais aprofundada em torno de sua significação prejudica sua compreensão e, por conseguinte, sua implantação. No final, se pretende evidenciar que a economia solidária é uma forma viável de se pensar a economia e que está em consonância com o compromisso da sustentabilidade da vida humana na Terra, a partir de ações concretas, seja no contexto cooperativista, seja no contexto de sustentabilidade de Ignacy Sachs, que serão as duas visões aqui trabalhadas.

## ***2 Economia Solidária no contexto da Cooperativismo***

A economia solidária se encontra no cooperativismo embora nem todo cooperativismo seja uma prática de economia solidária. Os exemplos das cooperativas de consumo européias ilustram isso. Após se desenvolverem significativamente, eles preferiram assalariar seus cooperados e administradores, se tornando em essência empresas privadas (SINGER, 2005).



# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

Esta observação conduz a seguinte reflexão: o que diferencia uma empresa solidária de uma empresa convencional? Esta indagação é apenas para chamar a atenção para o uso indiscriminado que se pode fazer do termo, rotulando atividades de solidárias, mas que na verdade são tão semelhantes a empresas tradicionais.

As cooperativas se encontram neste meio. Com a popularização do termo economia solidária, as cooperativas ganharam, quase que por natureza, a característica de serem solidárias. O próprio Paul Singer (2005) ao tratar sobre o surgimento da economia solidária coloca sua origem nos movimentos cooperativistas. Embora estas contribuam significativamente no delineamento desta outra forma de economia, é necessária uma reflexão aprofundada sobre o cooperativismo e sua relação com a economia solidária. Em síntese, não basta um estatuto legal que caracterize uma empresa como cooperativa. Toda uma ideologia permeia o pensamento cooperativista e é nesta ideologia que a economia solidária se insere.

O cooperativismo ou outras formas de associacionismo são movimentos sociais que, por meio da união, procuram obter ferramentas na luta por espaço e poder nas relações sociais. O cooperativismo em grande parte esteve ligado a crises do sistema capitalista, sejam elas crises que ameaçam sua fundação, como por exemplo, crises financeiras que geram desemprego, sejam elas crises de valores, que conduzem o homem a exploração do próprio homem. Birchall (1997, apud Singer, 2005, p.33), confirma essa posição ao escrever que:

De fato, as primeiras cooperativas surgiram por volta de 1826, a Inglaterra, como reação à pauperização provocada pela conversão maciça de camponeses e pequenos produtores em trabalhadores das fábricas pioneiras do capitalismo industrial. Foi também na Inglaterra que surgiram as cooperativas que passariam a ser o modelo do cooperativismo contemporâneo – as cooperativas de consumidores de Rochdale, fundadas a partir de 1844, e cujo objetivo inicial foi a oposição à miséria causada pelos baixos salários e pelas condições de trabalhos desumanas, por intermédio da procura coletiva de bens de consumo baratos e de boa qualidade para vender aos trabalhadores. As primeiras cooperativas de trabalhadores foram fundadas na França, por volta de 1823, por operários que, depois de organizarem uma série de protestos contra as condições de trabalho desumanas nas fábricas em que trabalhavam, decidiram fundar e administrar coletivamente as suas próprias fábricas

O cooperativismo, empresa sem fins lucrativos, possui em sua conceituação a atenção principal voltada para o capital social. Em relação a empresa privada, de capital, a cooperativa é de âmbito holístico, por não se desvincular da comunidade que está inserida, abraçando diversos aspectos do bem-estar humano, e não apenas o econômico e é emancipatória por dar a cada membro direitos iguais e por ter na educação do cooperado uma forma de participação consciente da realidade que o cerca. Diferente da lógica do *homo economicus*, na qual as ações privilegiadas são aquelas que geram maiores taxas de retorno do capital, em uma cooperativa, o retorno assegurado deve ser o do bem-estar dos cooperados. Os princípios de uma cooperativa, aqueles que constam desde as origens do capitalismo industrial, são (SINGER, 2005, p. 34):

1. O vínculo aberto e voluntário – as cooperativas estão sempre abertas a novos membros;
2. O controle democrático por parte dos membros – as decisões fundamentais são tomadas pelos cooperados de acordo como princípio “um membro, um voto”, ou seja, independentemente das contribuições de capital feitas por cada membro ou a sua função na cooperativa;





# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

3. A participação econômica dos membros – tanto como proprietários solidários da cooperativa quanto como participantes eventuais nas decisões sobre a distribuição de proveitos;
4. A autonomia e a independência em relação ao Estado e as outras organizações;
5. O compromisso com a educação dos membros da cooperativa – para lhes facultar uma participação efetiva;
6. A cooperação entre cooperativas através de organizações locais, nacionais e mundiais;
7. E a contribuição para o desenvolvimento da comunidade em que está localizada a cooperativa.

Pelas razões do surgimento das cooperativas e pelos princípios que o cooperativismo defende, muitos teóricos procuram situar a origem da economia solidária nos movimentos cooperativistas. Entretanto, como já salientado, se nos limitarmos a ver a economia solidária apenas por esta óptica, poderemos estar incorrendo no erro de termos qualquer iniciativa de cooperativa rotulada como solidária.

A escola de economia civil napolitana, muito antes das primeiras cooperativas, já sistematizavam uma economia baseada nas relações sociais ao invés do capital. Por outro lado, empresas que começam cooperativas podem se transformar em empresas privadas, trocando a ideologia do social pela do capital. Portanto, o cooperativismo não é o bastante para delinear uma economia solidária, mas necessitam de valores, crenças, símbolos, enfim, uma ideologia que a componha e a legitime, tornando-a permanente. A construção desta ideologia é importante, pois será a partir dela que se exercerá a diferenciação das empresas que são cooperativas e as que são pseudo-cooperativas. Tal diferenciação é necessária, pois como verifica Schneider (*apud* PAULINO, 2006, p. 168):

[...] no afã de sobreviver à competição que lhe foi sendo oferecida pela empresa privada capitalista, o cooperativismo passou a lançar mão dos mesmos métodos organizacionais e operacionais de que se valiam as demais empresas, com o fim de atingir graus de eficiência econômica compatíveis com as situações de mercado, com que se defrontava. Isto resultou na transformação gradativa de muitas cooperativas [...] em organizações de porte avantajado e de estruturas organizacionais cada vez mais complexas, levando muitas a inviabilizar o princípio de participação efetiva e do controle democrático da organização por parte dos associados. [...] na medida em que a organização cooperativa se expande como empresa e consolida sua sobrevivência em meio a uma ordem essencialmente competitiva, ela tende a se descaracterizar como cooperativa, porquanto inviabiliza um dos princípios básicos que a definem como tal [...]. A tendência é a do sistema se confundir cada vez mais com a lógica e a racionalidade da empresa capitalista em geral, transformando o produtor associado num mero cliente dos seus serviços.

A parte da economia solidária presente nos movimentos cooperativistas são os que estão em consonância com seus princípios já listados, por permitirem eles uma participação efetiva, democrática e consciente de seus membros, sua integração com o espaço, a comunidade na qual atua e por ter, principalmente, como maior capital o social.

Mas, no cooperativismo ou em outras formas de associacionismo não se tem o bastante para o desenvolvimento do conceito de economia solidária por uma razão: primeira, se há a possibilidade de uma cooperativa se tornar empresa privada, o que pode acontecer em uma escala de tempo futura, então as características da economia solidária comporão apenas uma economia tradicional no seu início, em sua fase de gestação. Isso coloca em posição delicada



# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

a economia solidária e sua relação com os princípios cooperativistas, por não trazer uma certeza sobre a sustentabilidade da cooperativa no longo prazo.

A economia solidária precisa de bases mais sólidas que a emancipe do futuro incerto das cooperativas, pois caso isso não aconteça e diante das observações de Schneider (*apud* PAULINO, 2006), a economia solidária poderá não passar de uma economia que em nada difere da tradicional, sendo apenas embrião de empresas capitalistas comuns.

### **3 A Economia Solidária no contexto de sustentabilidade de Ignacy Sachs**

Os escritos de Ignacy Sachs sobre desenvolvimento compreendem o conceito de desenvolvimento sustentável em uma perspectiva holística, observando que não se pode falar em desenvolvimento sustentável sem antes se observar aspectos ecológicos, sociais, culturais, espacial e econômico. O desenvolvimento sustentável se encontra no desenvolvimento simultâneo destas visões combinadas, dependendo das necessidades de uma região.

O desenvolvimento ecológico consiste no estabelecimento de padrões que assegurem a capacidade do planeta Terra de repor seus recursos na velocidade adequada para a vida humana. O consumo excessivo e o aumento populacional produzem um estresse sobre os recursos naturais e sobre a produção de alimento, o que põe a capacidade do planeta em sustentar a vida humana em xeque. Desta forma, uma das primeiras metas para a sustentabilidade ecológica, para Sachs é “ampliar a capacidade de carga da espaçonave Terra, através da criatividade, isto é, intensificando o uso do potencial de recursos dos diversos ecossistemas, com um mínimo de danos aos sistemas de sustentação da vida” (1994, p. 37). O homem terá que aprender e mudar para se adequar aos limites da natureza.

O aspecto social do desenvolvimento corresponde à diminuição da desigualdade entre ricos e pobres deste planeta. Esta desigualdade reflete diretamente no consumo e no bem-estar. É na pobreza que se encontra dificuldades em melhor gerir os recursos naturais e protegê-los. Comunidades pobres tendem, em geral, não possuírem redes de esgotos, coleta de lixo, abastecimento de água, além de sofrerem a falta de bens básicos para a manutenção da vida como, por exemplo, alimentação e moradia adequada. Diante do sofrimento, a violência, como exemplo, é uma forma de comunicação, que ecoa as conseqüências da desigualdade social. Sendo a felicidade e o bem-estar individual ligado, inevitavelmente, a felicidade e o bem-estar coletivo, a violência e a criminalidade é um bom exemplo que a desigualdade social não é apenas problema de quem é pobre, que não se esforçaram o bastante para se desenvolverem pessoalmente. Ao contrário, é um problema de todos.

O desenvolvimento espacial consiste no equilíbrio entre rural e urbano, organização espacial da cidade e a garantia do fluxo de insumos para a sua manutenção. A mudança de perfil entre zona rural e urbana vem provocando limitações as cidades. As grandes aglomerações em cidades, quando não bem administradas, produzem alimentam a poluição, degradação de ecossistemas, estresses aos recursos naturais e perda de bem-estar para seus cidadãos. As cidades sustentáveis ou criativas são cidades que procuram crescer gerando as possibilidades para a sua manutenção, com foco no bem estar das pessoas. Cidades como Barcelona (Espanha), Freiburg (Alemanha) e Amsterdam (Holanda) que procuram crescer seguindo os



# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

objetivos<sup>4</sup> de reduzir a necessidade de utilização do transporte individual motorizado e promover meios de transportes coletivos acessíveis a todos, a preços módicos; Aumentar a parcela de viagens realizadas em transportes públicos, a pé ou de bicicleta; Desenvolver e manter uma boa infraestrutura para locomoção de pedestres e pessoas com deficiências, com calçadas e travessias adequadas; Acelerar a transição para veículos menos poluentes; Reduzir o impacto dos transportes sobre o ambiente e a saúde pública; Desenvolver um plano de mobilidade urbana integrado e sustentável são exemplos de cidades que promovem o crescimento acompanhado de bem-estar sendo, portanto sustentáveis.

A sustentabilidade cultural é a procura na cultura de um povo respostas para a vida em harmonia com o meio ambiente e as pessoas. Saber que comunidades indígenas ou rurais possuem padrões de vida sustentáveis são exemplos que mudanças são possíveis em direção a sustentabilidade da vida. Basta um exercício de imaginação pra ver como seria o mundo se a religião preponderante fosse o budismo, uma religião que prega a união entre homem e natureza, não podendo aquele se desenvolver em detrimento desta.

Diante do conceito integrado de desenvolvimento de Ignacy Sachs (1994), a economia solidária pode ser vista como um exemplo de desenvolvimento sustentável na prática. Ações de economia solidária visam tanto aspectos econômicos, como também sociais, culturais, espaciais e ecológicos. Um exemplo a ser dado é o Banco Palmas, banco socioeconômico solidário localizado no conjunto palmeira na periferia de fortaleza, estado de Ceará. Segundo *site* do banco, sua missão é “Implantar programas e projetos de trabalho e geração de renda, utilizando sistemas econômicos solidários, na perspectiva de superação da pobreza urbana”. Pela sua missão se observa que os aspectos tanto econômico como sociais caminham junto para o desenvolvimento.

Um banco solidário como o Palmas, por exemplo, fomenta o desenvolvimento cultural à medida que contribui na formação de uma identidade forte para a comunidade. Se antes, o conjunto palmeiras era sinônimo de miséria, local onde os próprios moradores traziam consigo a vergonha da marginalização, hoje o conjunto busca respeito e notoriedade. Embora o trabalho do banco ainda seja pequeno,<sup>5</sup> se percebe uma verificação do fortalecimento da identidade do bairro a partir dos muitos nomes de iniciativas empreendedoras e projetos sociais acompanhado da identificação do conjunto palmeira. Dentro do conjunto se tem o *palmafashion*, *palma limpe*, *palmanatus*, *palmatech*, projeto bate palmas, escola popular cooperativa palmas, a feira do banco palmas, etc. São as iniciativas do banco que organizam a comunidade, fortalecendo o capital social, cultural e econômico. A tabela abaixo evidencia alguns pontos de sucesso:

<sup>4</sup> Objetivos retirados do site <http://www.cidadessustentaveis.org.br/eixos/vereixo/10>. O programa cidades sustentáveis é um programa que apóia e divulga modelos de desenvolvimento para cidades em diversas áreas do planeta.

<sup>5</sup> Dentro de uma perspectiva econômica, o banco pode parecer fadado ao fracasso por emprestar dinheiro a quem não tem renda, utilizar critérios de seleção de crédito que não refletem segurança de recebimento e por possuir taxa de juros zero para sua própria moeda. É necessário romper com o viés economicista para se perceber o valor do banco na comunidade, que está voltado para o desenvolvimento social e o capital social mais do que o meramente o capital financeiro.





# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**"O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham"**

Tabela 1 – Resultados da ação do Banco Palmas

<b>OBJETIVOS INICIALMENTE PREVISTOS</b>	<b>IMPACTOS<sup>6</sup></b>
1. Impulsionar uma estratégia local de enfrentamento da pobreza, através de um instrumento econômico que aproveite e valorize as potencialidades do bairro, tendo a solidariedade como princípio	- As vendas nos pontos comerciais aumentaram em cerca de 40%, segundo depoimentos dos comerciantes;  - Resgate do sentimento de cidadania pelas famílias pobres do bairro, oportunizando a estas terem crédito em um banco. Várias famílias puderam ter acesso aos serviços de água tratada e energia elétrica, por terem conseguido renda para pagamento das tarifas
	- O número de sócios da Associação aumentou de 500 para 1300 em dois anos
2. Reforçar e fomentar espaços de articulação e diálogo entre governo local e sociedade civil, visando o fortalecimento das relações e o estabelecimento de políticas públicas	- Espaço maior de inter-relação entre Associação de Moradores com o poder público, assegurando convênios e contratos entre os dois atores, que garantiram a execução de programas públicos municipais no bairro
3. Desenvolver uma estrutura financeira de créditos para os mais pobres, principalmente as mulheres, como alternativa de superação da pobreza.	- 200 novas ocupações diretas e 450 indiretas foram geradas a partir da implantação da política de créditos
	- 620 famílias já possuem o Cartão PalmaCard o que assegura um volume de R\$ 8.000,00 (oito mil reais) a mais circulando nos pequenos comércios do bairro.
	- 50 mil PALMAS, uma moeda circulante própria, está sendo usada no bairro, potencializando a riqueza e a

<sup>6</sup> Confere com dados dos relatórios anuais do Banco Palmas (1999 a 2001), elaborados a partir de depoimentos, entrevistas e acompanhamentos diários junto aos empreendedores do bairro. Nota do autor.



# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

	solidariedade local.
	- As mulheres aumentaram sua participação em 30% nas atividades da Associação a partir da criação de uma Incubadora Feminina que recupera mulheres em situação de risco reintegrando-as a comunidade.

Fonte: MELO (2003)

Sobre o desenvolvimento social, pode-se se referir aqui à incubadora feminina. Este é um projeto de segurança alimentar, que dá capacitação a mulheres pobres e/ou excluídas, na tentativa de inseri-las ao ciclo econômico para que possam adquirir seus alimentos (MELO, 2003). Na incubadora feminina, as mulheres recebem atendimento médico, psicológico, além de receberem cursos de profissionalização. O perfil das mulheres que fazem parte da incubadora é (MELO, 2003):

- Mães solteiras e/ou foram abandonadas por seus companheiros;
- Faixa etária de 18 a 65 anos;
- A maioria só tem o primeiro grau incompleto ou são analfabetas;
- Desempregadas, não têm profissão definida ou vivem de esmolas;
- Não têm residência fixa ou moram de aluguel, em pequenos barracos;
- Os serviços de água e luz estão cortados;
- Alimentam-se menos de duas vezes ao dia, estão ou tem algum filho com desnutrição;
- Apresentam alguns problemas de saúde ou tem alguma pessoa com problema de saúde em casa;
- Já receberam algum tipo de tratamento psiquiátrico;
- São dependentes de algum tipo de droga ou possui familiares usuários de drogas;
- Possuem parentes diretos (marido, filhos, pais) em presídios;
- A grande maioria já foi vítima de violência doméstica.

O exemplo do Palmas e de diversos outros bancos solidários no Brasil<sup>7</sup> representam uma economia ressignificada, onde o capital preponderante é o social e onde o trabalho além de reprodução da mercadoria é identidade humana, além de respeitar o homem em sua integridade, não o vendo apenas como *homo economicus*, mas como um *homo complexus*. O Banco Palmas ainda é um banco novo, por esta razão não se ter muitas experiências de desenvolvimento espacial sustentável. Contudo, pode-se observar que os desafios do desenvolvimento econômico, cultural e social são de uma urgência maior para o bairro.

#### 4 Conclusão

A economia solidária é um conceito rico em significação, despertando interesses de diversas áreas temáticas. Pode ser analisada pela perspectiva da psicologia, sociologia, economia, administração, pedagogia, etc. Contudo um consenso permanece: a economia solidária aponta

<sup>7</sup> Conforme o site do Banco Palmas, <http://www.bancopalmas.org.br/oktiva.net/1235/secao/9963>, são atualmente 51 iniciativas de bancos solidários no Brasil.



# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

como uma nova forma de economia. Uma economia mais humana, ética, que respeita a vida humana e está comprometida com o bem-estar coletivo.

A visão individualista da economia solidária desaparece para dar lugar a uma visão coletivista, com valores e objetivos em comum, pois parte do pressuposto que a felicidade só emana do consenso, não podendo se ter a segurança da felicidade, enquanto existir desigualdade. Seja trabalhando de forma cooperada, seja com foco na sustentabilidade ambiental, a economia solidária surge na tentativa de vencer os obstáculos impostos pelo próprio sistema econômico tradicional, capitalista, seja para transformá-lo, ou quem sabe substituí-lo.

## 5 Referências Bibliográficas

BANCO PALMAS. Um sistema integrado de crédito, produção, comércio, consumo e felicidade humana. Disponível em <http://www.bancopalmas.org.br/oktiva.net/1235>, acesso em 09 mai. 2012.

CIDADES SUSTENTÁVEIS. Melhor mobilidade, menos tráfego. Disponível em <http://www.cidadessustentaveis.org.br/eixos/vereixo/10>, acesso em 09 mai. 2012.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MELO NETO, J. J. de. Banco Palmas: uma prática de socioeconomia solidária. Quito: Banco Palmas, 2003. (Caderno de Trabalho, n. 116).

MORISON, Ken. Marx, Durkheim, Weber: Formations of modern social thought. 2. ed. London; Thousand Oaks, CA: Sage, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. Por uma geografia dos camponeses. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

RODRIGUEZ-SICKERT, Carlos. Homo economicus. In.: Jan Peil; Irene van Staveren. Handbook of economics and ethics. Cheltenham, UK ; Northampton, MA : Edward Elgar, 2009.

SACHS, Ignacy, Estratégias de transição para o século XXI. In: M. Bursztyn (Org.) et al. Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994, p.29-56.

SAMUELSON, P. A. Introdução à análise econômica. Rio de Janeiro: AGIR, 1975.

SEN, Amartya. Sobre ética e Economia. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In.: Boaventura de Sousa Santos. Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. 2. ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2005.